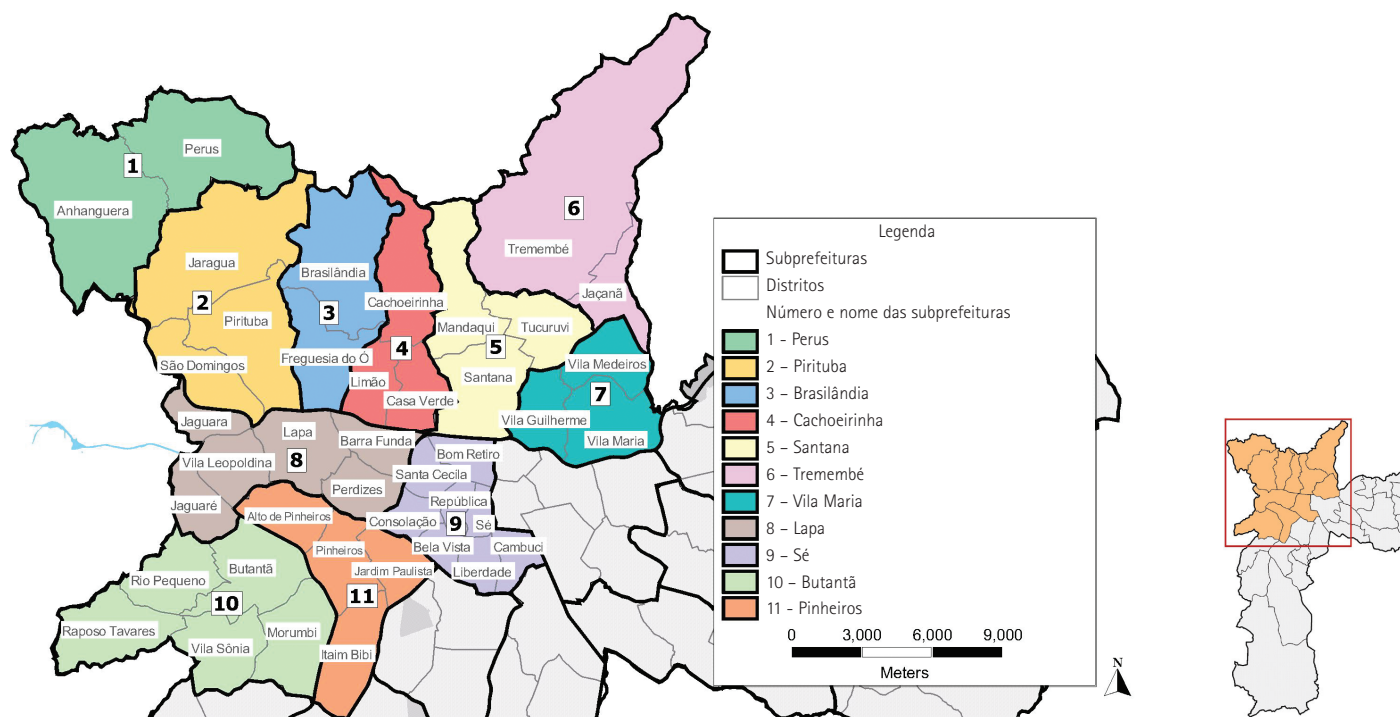


### 3. A vulnerabilidade social nas subprefeituras que compõem as Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo

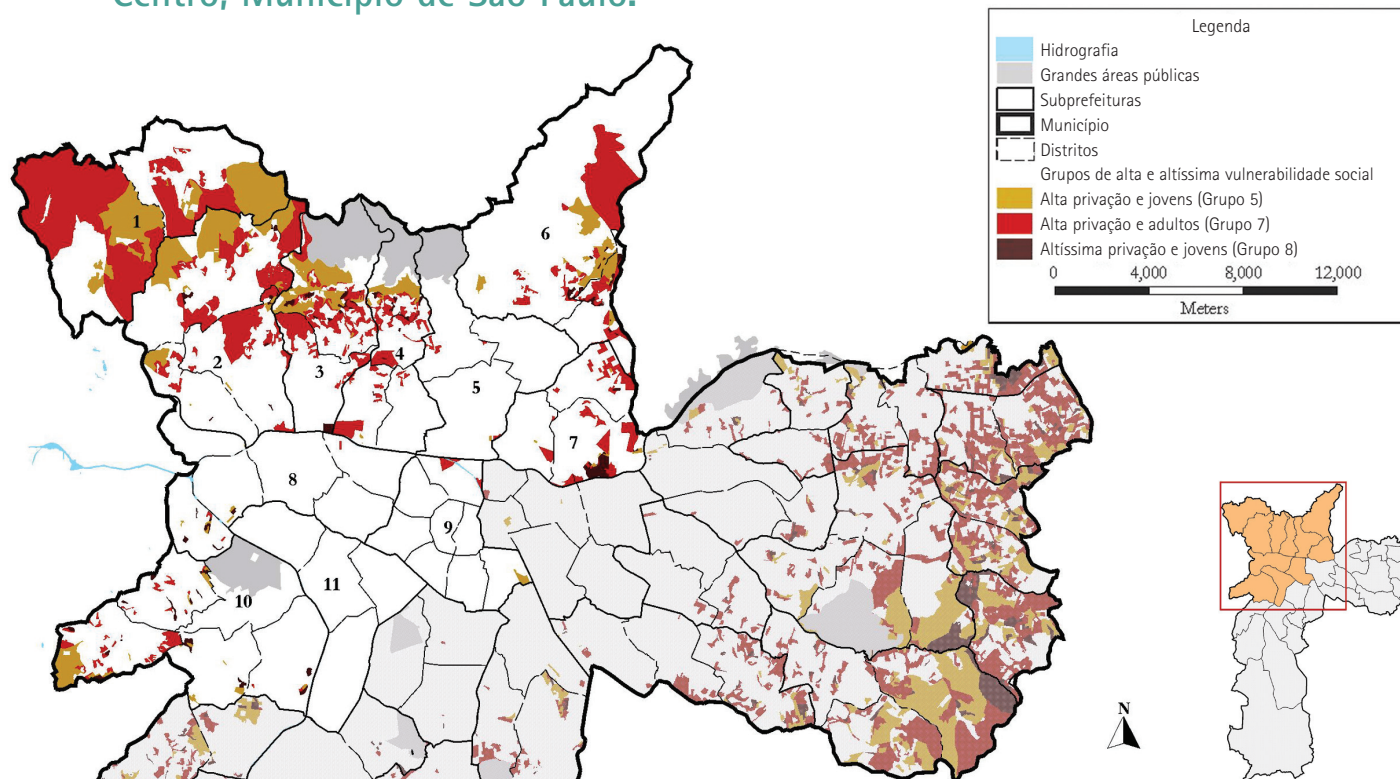
No presente caderno, é apresentada a situação de vulnerabilidade social das famílias que residem nas Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo. Fazem parte desse conjunto 11 subprefeituras e 41 distritos administrativos, onde residem aproximadamente 3 milhões e 300 mil pessoas.

**MAPA 6 Subprefeituras e distritos que compõem as Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.**



Desse contingente, mais de 622 mil pessoas vivem em setores censitários considerados de alta vulnerabilidade (grupos 5, 7 e 8), o que corresponde a 18,5% de toda a população que reside nessas Zonas.

### MAPA 7 Grupos de alta e de altíssima vulnerabilidade social nas Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

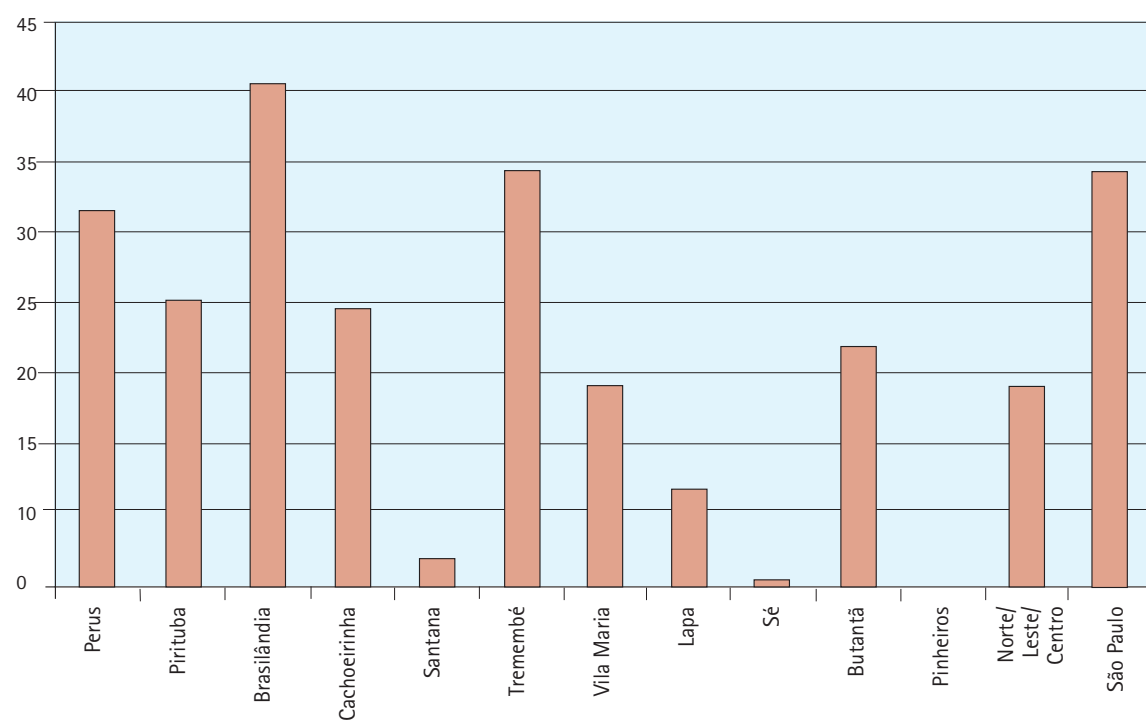


Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002

O Mapa 7 deixa clara a enorme concentração de grupos de alta e de altíssima vulnerabilidade observada na Zona Norte, especialmente em distritos como Brasilândia e Cachoeirinha.

É importante lembrar que o censo demográfico não colhe informações sobre a população em situação de rua – o que tem importantes implicações, especialmente em distritos onde o número de pessoas nessa situação é mais expressivo. Esse pode ser o caso, por exemplo, da subprefeitura Sé, que, apesar de ter sido destacada como região de baixa vulnerabilidade, pode estar "escondendo" um número grande de pessoas vivendo em situações de privação, possivelmente até mais extremas. O mesmo acontece com a população encortiçada, que também não é devidamente contabilizada pelo IBGE e se torna, de certo modo, "invisível" – não sendo captada nem mesmo quando se trabalha com indicadores voltados para as condições de habitação.

**Gráfico 1**  
**Percentual de pessoas residentes em setores de alta vulnerabilidade, por subprefeitura.**  
**Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.**



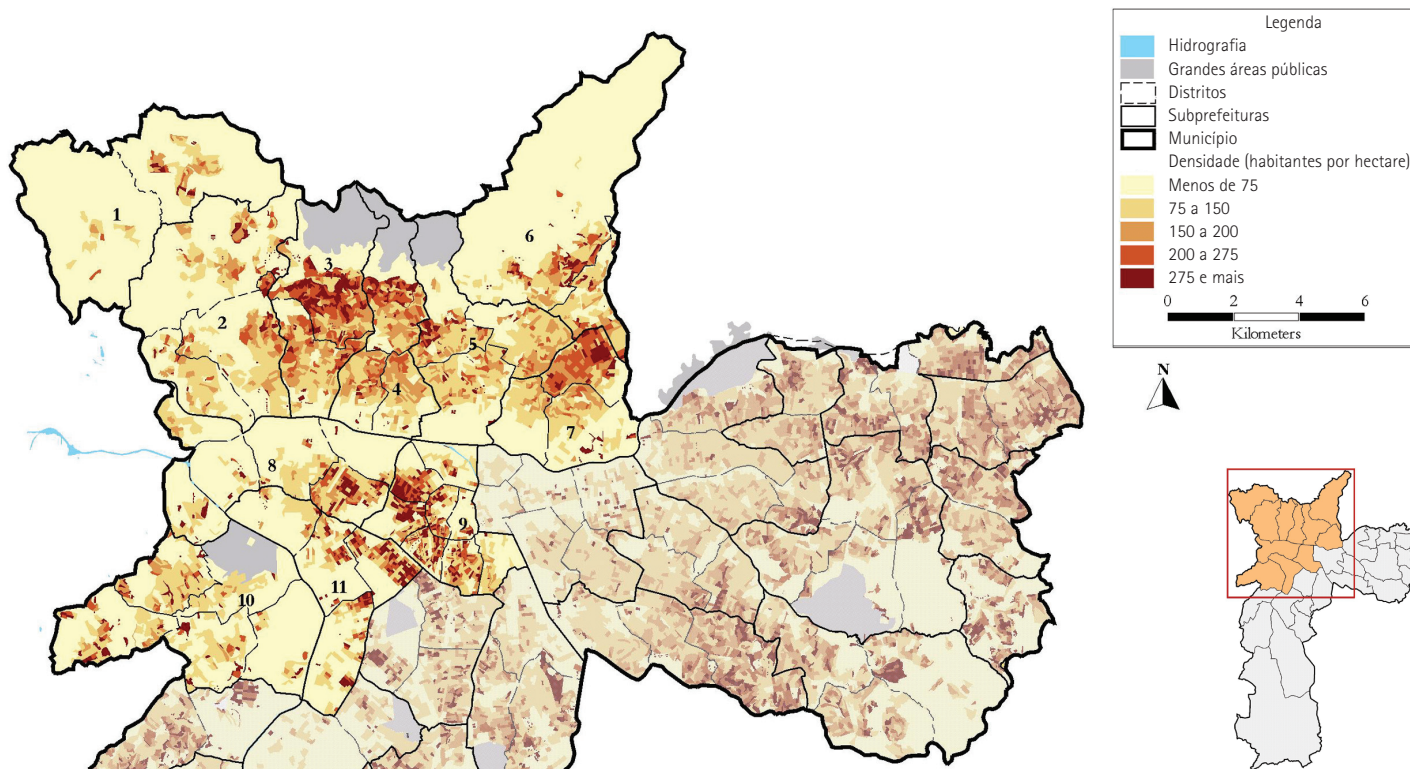
Fonte: Censo demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002

O Gráfico 1 retrata a variação entre as subprefeituras quanto à presença de grupos de alta ou de altíssima vulnerabilidade social

(grupos 5, 7 e 8). As subprefeituras de Santana, Sé e Pinheiros se destacam por baixíssima presença de pessoas nessas condições; por outro lado, nas subprefeituras de Perus e Jaçanã, mais de 30% da população reside em setores desse tipo. Na Brasilândia, esse percentual chega a 40% – correspondendo a mais de 150 mil pessoas. Há, entretanto, uma diferença de concentração populacional entre esses lugares. Em Pirituba e no Butantã, por exemplo, esse contingente representa 97 mil e 83 mil pessoas, respectivamente – muito mais do que as 33 mil encontradas em Perus. Essa situação é mostrada no *Mapa 8*, que apresenta a densidade demográfica por setor censitário, e na *Tabela 4* – que traz os números absoluto e relativo de pessoas vivendo em setores de alta vulnerabilidade, por subprefeitura.

**MAPA 8 Densidade demográfica (habitantes por hectare) dos setores censitários**  
**Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.**

## Outros indicadores sociais

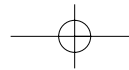


Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole CEBRAP, 2002

O Mapa 8 permite que se observe a concentração populacional no território e ajuda a avaliar em que locais a situação é mais grave ou onde atinge um maior número de pessoas. Nesse sentido, ele fornece uma informação que complementa todos os indicadores produzidos e que deve, portanto, ser levada em conta ao se analisarem os mapas apresentados neste estudo.

**Tabela 4**  
**Números absoluto e relativo de pessoas que residem em setores de alta vulnerabilidade, por subprefeitura. Zonas Norte, Oeste e Centro. Município de São Paulo, 2000.**

Nº da subprefeitura	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	Norte, Oeste e Centro	São Paulo
Número absoluto	33.960	97.356	158.653	75.361	8.930	86.643	56.129	19.552	2.285	83.610	0	622.479	3.004.718
Percentual	32,0	25,1	40,6	24,2	2,8	34,5	18,7	7,3	0,6	22,4	0,0	18,7	29,1

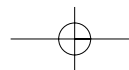


A seguir é apresentado um conjunto de indicadores sociais produzido a partir de fontes de dados diversas. Ele tem por objetivo acrescentar ao mapeamento realizado outras dimensões de vulnerabilidade – mais fortemente relacionadas ao próprio território do que às características demográficas e socioeconômicas dos grupos sociais.

Foram destacados, nesse sentido, indicadores que ajudam a caracterizar o contexto onde as pessoas vivem – seja pela menor presença de serviços básicos, como provisão de esgoto, ou por condições inadequadas de moradia, seja pela alta incidência de certos agravos de saúde pública ou, ainda, de elevadas taxas de homicídio envolvendo a população jovem.

Da mesma forma, foram produzidas cartografias relativas aos equipamentos públicos de educação, saúde, assistência social, esportes e cultura, a fim de que se pudesse observar como está distribuída a rede de serviços e equipamentos que, potencialmente, poderia estar contribuindo para amenizar esse conjunto de situações de precariedade social. A distribuição desses equipamentos no espaço não é homogênea, e muitas vezes se concentra em áreas mais consolidadas e com maior presença de grupos melhor inseridos socioeconomicamente, sendo mais escassos em algumas áreas de periferia. Para os grupos de mais baixa renda, a distância dos equipamentos pode representar custos de transporte significativos, configurando um importante obstáculo à utilização desses serviços e restringindo o acesso a direitos da cidadania por parte dos grupos mais pobres.

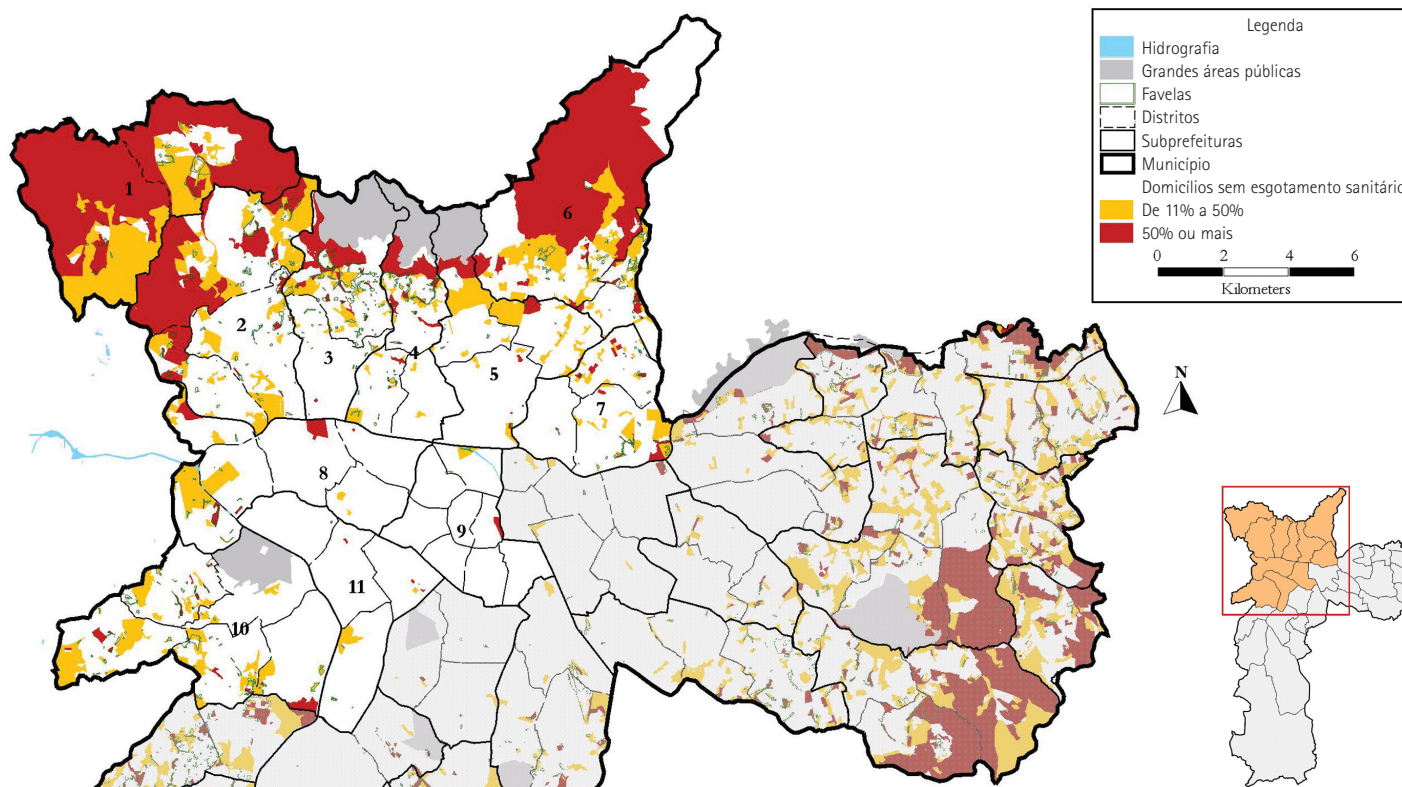
Esses elementos compõem contextos particulares envolvendo os diversos espaços da cidade e se combinam de diferentes maneiras à vulnerabilidade social dos grupos. Na seção seguinte, o leitor poderá observar como todos esses indicadores se comportam relativamente às subprefeituras localizadas nas Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo. Em linhas gerais, pode-se depreender que há uma grande heterogeneidade de situações, com algumas áreas apresentando um considerável acúmulo de indicadores negativos – enquanto outras apresentam combinações particulares, nem sempre apresentando riscos sobrepostos.



### 3.a. Indicadores associados às condições de habitação

Muitas vezes, a situação de vulnerabilidade social é reforçada por condições de habitação inadequadas. Em muitos dos setores considerados de alta vulnerabilidade, há também uma presença expressiva de favelas ou mesmo de condições precárias de infra-estrutura urbana. Essas duas características, entretanto, nem sempre aparecem juntas: os maiores percentuais de domicílios sem provisão de esgoto ocorrem em áreas de alta vulnerabilidade, porém são muito mais frequentes em áreas de proteção ambiental do que em áreas de alta concentração de favelas.

#### MAPA 9 Setores censitários com os piores índices de provimento de esgoto e distribuição das favelas. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano, SEHAB/PMSP e CEM/CEBRAP, 2003. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

A diferença espacial entre as áreas sem provimento de esgoto e a localização das favelas fica mais clara quando se observa o Mapa 9, ao lado. Em amarelo estão destacados os setores onde mais de 11% não têm esgoto – percentual que se aplica a 20% dos domicílios de toda a cidade – e em vermelho, os domicílios onde esse percentual ultrapassa 50%. É apresentada também a distribuição das favelas, em verde.

Como se pode ver, a concentração de domicílios sem esgoto está predominantemente situada em reservas ecológicas, como a Serra da Cantareira, na Zona Norte. Cabe lembrar, mais uma vez, que essas áreas apresentam densidade demográfica bastante baixa, como foi visto na seção anterior.

Por outro lado, a presença de favelas se faz bastante nítida nas bordas dessas reservas ecológicas – onde se verifica uma intensa ocupação, possivelmente agravada pela presença de riscos ambientais como, por exemplo, deslizamentos e inundações.

### Porcentagem de domicílios sem esgoto

Nas Zonas Norte, Oeste e Centro, em grupos de alta vulnerabilidade, o percentual de domicílios sem esgoto é 6 vezes maior do que em grupos de baixa vulnerabilidade.

	Baixa e média vulnerabilidade (grupos 1, 2, 3, 4 e 6)	Alta vulnerabilidade (grupos 5, 7 e 8)	Total
Zonas Norte, Oeste e Centro	4,0	26,1	7,5
São Paulo	5,9	31,7	12,7

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

Nas Zonas Norte, Oeste e Centro, a cobertura de esgoto corresponde a 92,5% do total de domicílios, índice melhor do que o encontrado no conjunto da cidade (87,3%). Isso se deve, em grande parte, à presença universal desses serviços em distritos do Centro e, em menor medida, do Oeste – áreas mais consolidadas do ponto de vista da ocupação urbana. Na Zona Norte, entretanto, a cobertura de esgoto é bem mais incipiente, com muitas áreas apresentando péssimos índices – sobretudo aquelas que ainda preservam características do meio rural.

O *Quadro 1* ilustra essa situação: nove dos dez distritos com pior provisão de esgoto estão localizados na Zona Norte. A única exceção é Rio Pequeno, na Zona Oeste, com um índice de 11,6%.

#### QUADRO 1 Distritos com as piores condições de habitação. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo, 2000 e 2003.

Anhanguera é o distrito que mais se destaca negativamente no que se refere à cobertura de esgoto. Praticamente metade dos domicílios localizados nessa área não conta com esses serviços. A presença de favelas nesse distrito, por outro lado, é bem menos significativa, com apenas nove aglomerados desse tipo, como também acontece no Jaguaré. Os distritos Tremembé, Jaraguá, Brasilândia e São Domingos se destacam pela presença expressiva – e simultânea – dos dois problemas.

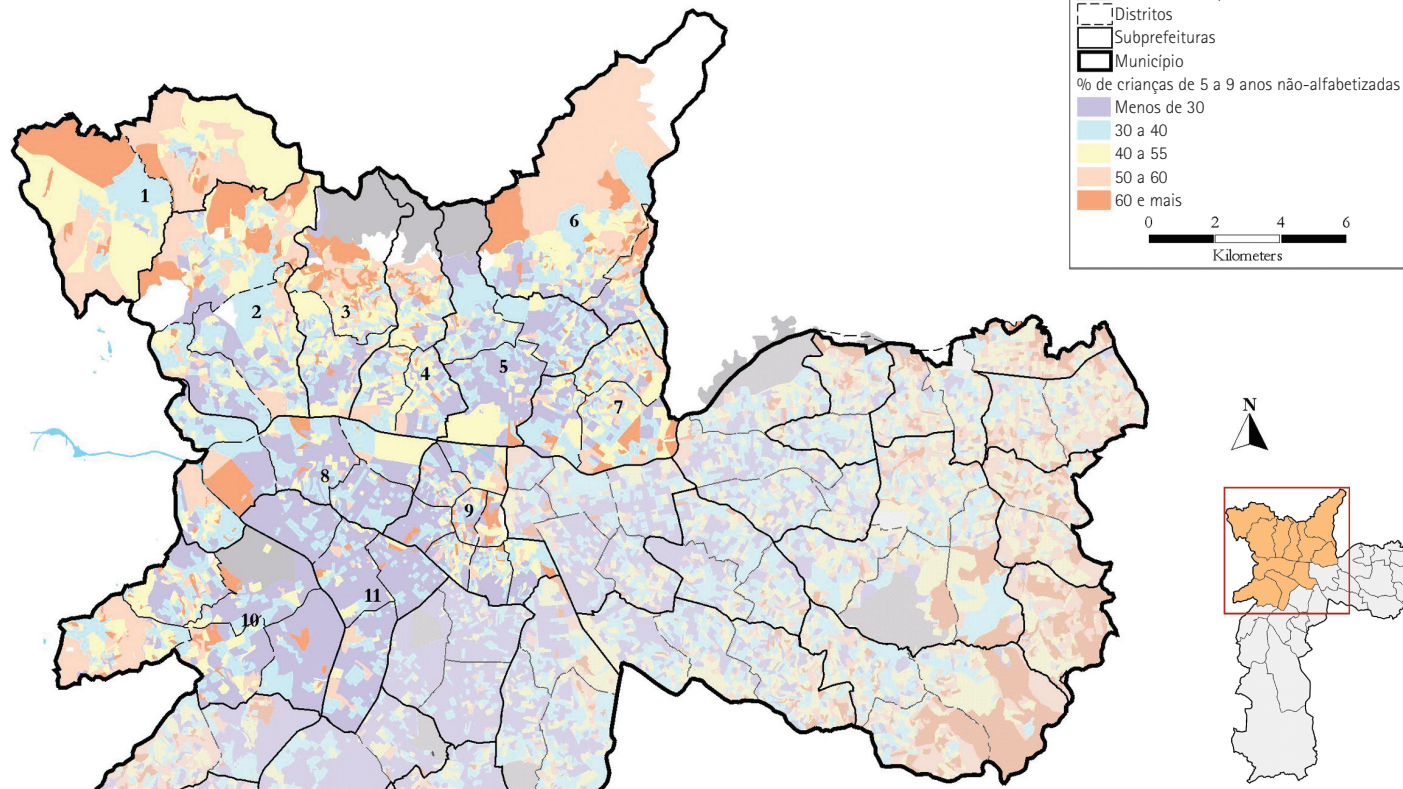
Ordem (decrecente)	Distrito	% de domicílios sem esgoto	Distrito	Número de favelas
1	ANHANGUERA	48,81	BRASILÂNDIA	83
2	PERUS	28,42	JARAGUÁ	47
3	JAGUARÉ	24,14	PIRITUBA	43
4	TREMEMBÉ	23,53	CACHOEIRINHA	33
5	SÃO DOMINGOS	20,81	TREMEMBÉ	30
6	CACHOEIRINHA	15,83	RAPOSO TAVARES	27
7	JARAGUÁ	15,33	RIO PEQUENO	25
8	BRASILÂNDIA	13,28	JACANÃ	24
9	RIO PEQUENO	11,59	SAO DOMINGOS	22
10	JAGUARA	9,78	VILA SÔNIA	20

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE e Prefeitura do Município de São Paulo/Centro de Estudos da Metrópole, 2003.

### 3.b. Indicadores de vulnerabilidade envolvendo crianças pequenas

Dentre os indicadores produzidos ao longo do projeto, destacam-se três que podem ser considerados os mais relevantes, por apresentarem situações preocupantes em duas áreas de extrema importância, educação e saúde. O primeiro deles diz respeito à presença de **alfabetização tardia** entre crianças pequenas. Dificuldades e atrasos no aprendizado são indicativos, por um lado, da situação doméstica dessas crianças no presente e, por outro, do maior risco que irão enfrentar no futuro próximo, seja ao ter mais dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, seja pela evasão precoce do sistema educacional. Nesse sentido, esse indicador expressa situações que tendem a reproduzir o ciclo de pobreza e de vulnerabilidade nesses lugares.

**MAPA 10** Percentual de crianças de 5 a 9 anos de idade não-alfabetizadas.  
Zonas Norte, Oeste e Centro, Município, de São Paulo.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002.

*A alfabetização tardia pode ser captada quando se observa a quantidade de crianças da faixa etária de 5 a 9 anos que não sabem ler. Espera-se que apenas 40% desse contingente – correspondente às crianças com 5 e 6 anos de idade – ainda não tenha aprendido a ler, uma vez que a alfabetização escolar acontece aos 7 anos. Dessa forma, percentuais abaixo desses 40% indicam alfabetização precoce (sendo comum em famílias mais ricas), e percentuais acima dos 40% indicam que muitas crianças de 7 anos ou mais não foram alfabetizadas.*

*O Mapa 10 contribui, por um lado, para tornar ainda mais visível a sobreposição de situações de vulnerabilidade em alguns espaços do município: os piores índices incidem praticamente sobre as mesmas áreas onde foram verificadas péssimas condições de infra-estrutura urbana, sobretudo nas extremidades Norte e Oeste da cidade. Por outro lado, começam a aparecer – mesmo pontualmente – alguns lugares não muito destacados até agora, tais como as subprefeituras Sé e Vila Maria. Nesses distritos, a incidência coincide também com bolsões de pobreza – o que só se torna visível quando se trabalha na escala dos setores censitários.*

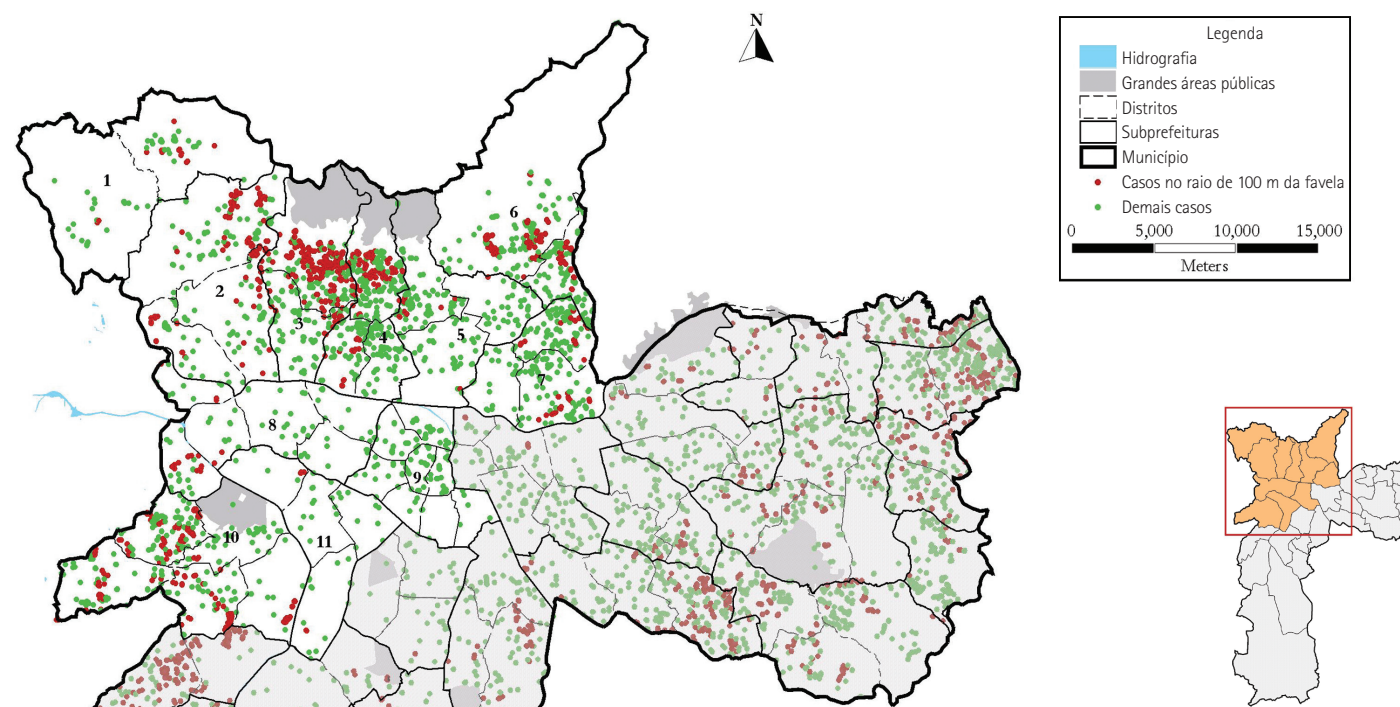


Os outros dois indicadores selecionados – taxa de internação por doenças infecciosas de veiculação hídrica e taxa de internação por pneumonia – também foram escolhidos por estarem relacionados com as condições socioeconômicas das famílias. São indicadores de saúde e se referem à incidência de doenças que – mesmo sendo comuns na infância, como as diarreias, por exemplo – geralmente só resultam em internações hospitalares em caso de famílias de mais baixa renda. Estão, assim, relacionados às condições de vida existentes no ambiente onde moram essas famílias, atingindo freqüentemente os grupos mais expostos a riscos sócio-habitacionais.

As doenças do aparelho respiratório, por exemplo, representam uma importante causa de internação e até mesmo de óbito – especialmente em crianças de 0 a 5 anos de idade. No Município de São Paulo, as internações cujo diagnóstico principal devem-se ao aparelho respiratório representam aproximadamente 25% do total de internações deste grupo, com 15.735 registros. Destes, 9.546 devem-se somente a pneumonias (refere-se ao ano de 2001).

### MAPA 11 Internações hospitalares por pneumonia em crianças de até 5 anos de idade. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

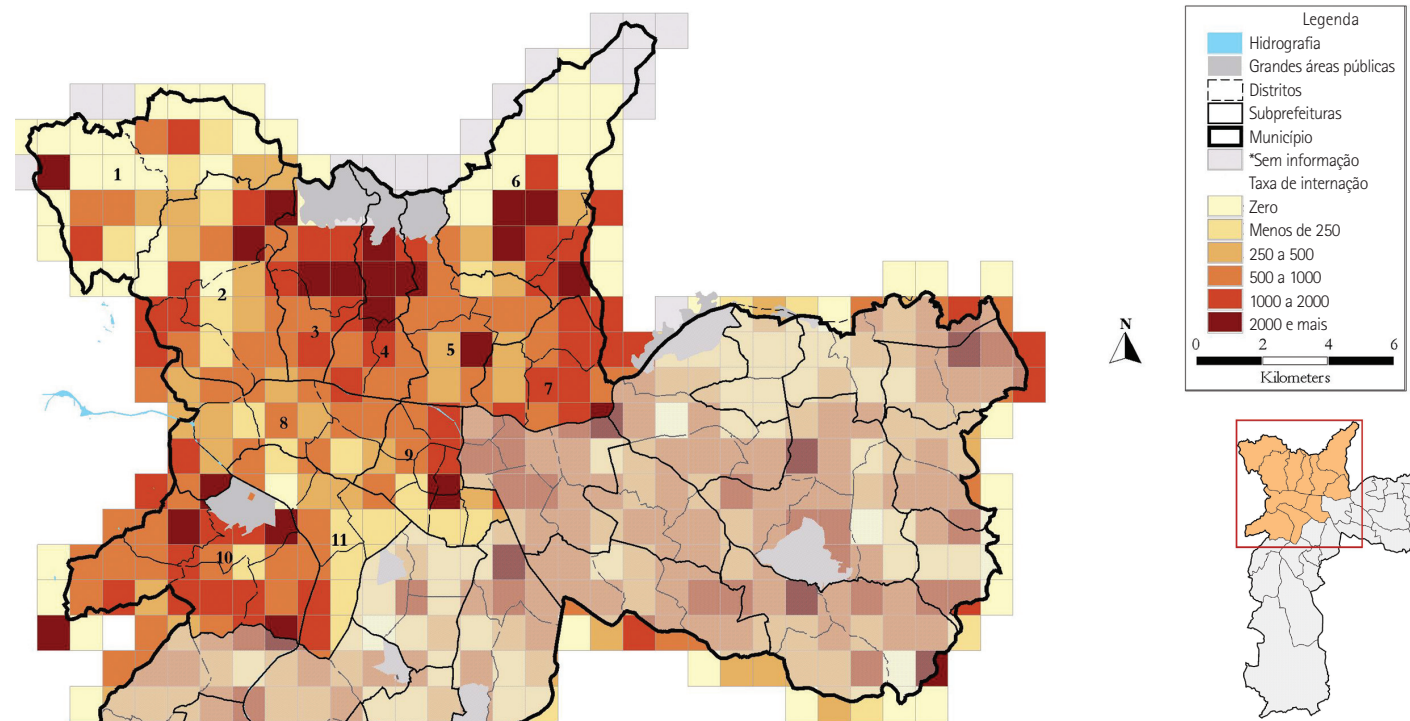
*Buscou-se evidenciar o acúmulo de vulnerabilidade em condições de habitação e saúde selecionando-se as internações localizadas numa área de até 100 metros ao redor de cada favela (no Mapa 11, essas internações estão destacadas em vermelho). Considerando que o endereçamento de cada internação hospitalar foi feito a partir do CEP do internado, e não do número exato da rua, uma banda de 100 m pareceu bastante adequada, permitindo a inclusão de internações que não tenham sido localizadas com muita precisão. Nas Zonas Norte, Oeste e Centro foram verificadas 3.874 internações hospitalares em decorrência de pneumonia em crianças de até 5 anos de idade, 40% do total de internações verificadas no conjunto da cidade. Em 35% dos casos, as crianças residiam num raio de até 100 m de distância de favelas.*



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Sistema de Informações Hospitalares, SIH/SUS, DATASUS, 2001.  
Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2003

Ao mesmo tempo, a relação entre esse tipo de agravo e as condições habitacionais é bastante significativa: 40% das internações em decorrência de pneumonia ocorreram em crianças que moravam a uma distância de até 100 m de favelas. Nesse caso específico, tal associação pode estar especialmente relacionada à inadequada circulação de ar e à elevada densidade domiciliar própria desses aglomerados – aumentando o risco de contágio.

### MAPA 12 Taxa de internação por pneumonia em crianças de até 5 anos, por grid. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Sistema de Informações Hospitalares, SIH/SUS, DATASUS, 2001.  
Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2003.

O Mapa 12 apresenta a distribuição das taxas de internação em decorrência de pneumonia, por grid. Em termos de detalhamento da informação espacial, o grid é uma unidade intermediária entre o setor censitário e o distrito, permitindo a visualização de diferentes concentrações da taxa no interior dos distritos. Em termos técnicos, consiste em uma quadricula homogênea que recobre um determinado território. Neste estudo, optou-se por um grid de 1,5 por 1,5 km, dividindo o município de São Paulo em 717 grids, cada um deles contendo, em média, 28 setores censitários e 14 mil habitantes.

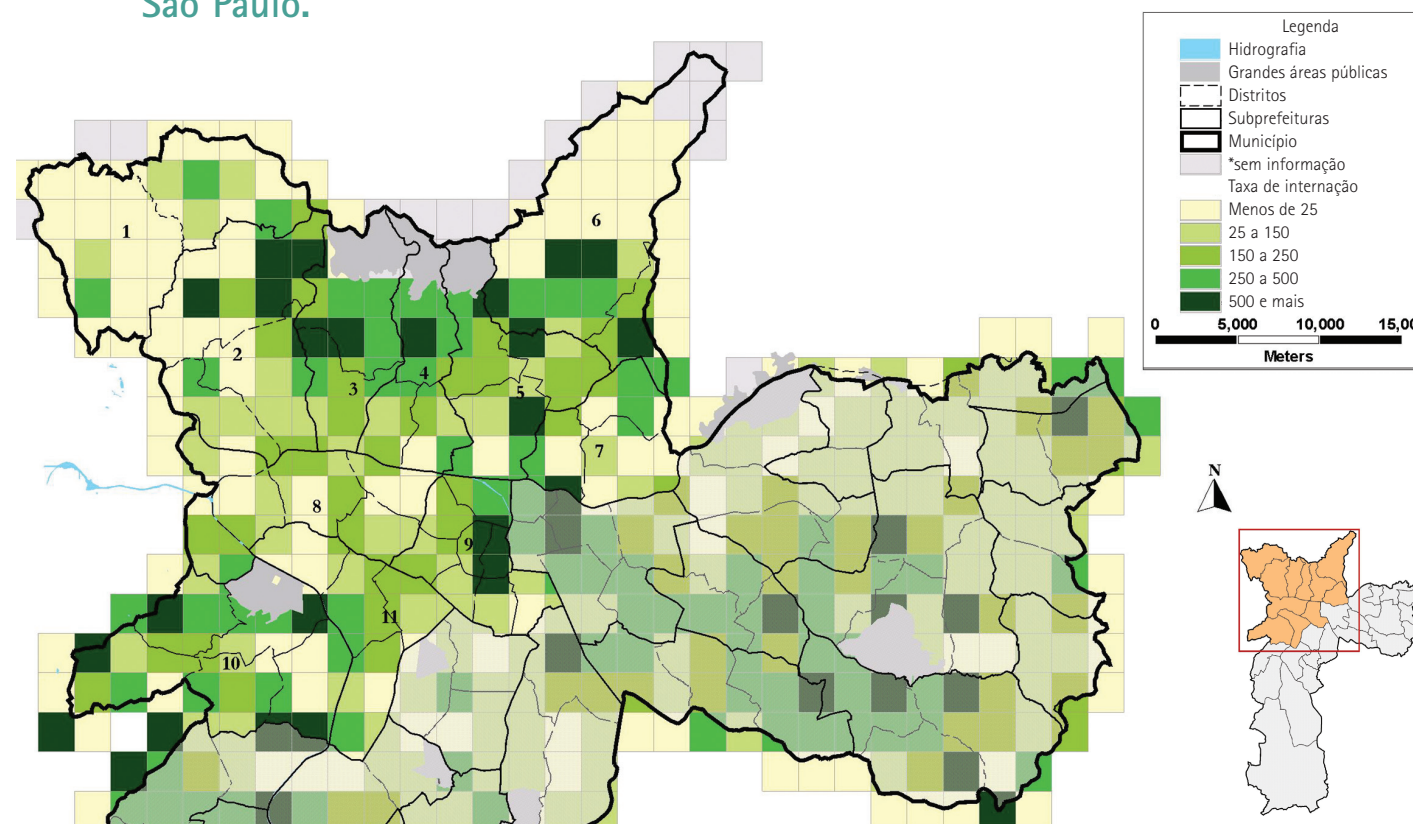
Além das subprefeituras da Zona Norte, como Brasilândia, Cachoeirinha e Vila Maria, duas outras regiões podem ser destacadas com importantes concentrações desses agravos: a Zona Oeste, envolvendo principalmente os distritos de Rio Pequeno, Vila Sônia e Raposo Tavares, e os distritos do Centro, especialmente Sé e Bom Retiro – o que pode estar relacionado com a presença de cortiços nestas áreas. As taxas de internação por doenças infecciosas de veiculação hídrica, como se verá, apresentaram distri-

buição espacial bastante similar à de pneumonia, embora, em números absolutos, elas sejam menos expressivas. Foram consideradas doenças infecciosas de veiculação hídrica agravos como a leptospirose, a hepatite A, as intoxicações alimentares e as diarreias, entre outras – que freqüentemente se associam a quadros graves de desidratação e desnutrição agudas.

Em São Paulo, essas internações representaram 6,5% das internações em crianças de 0 a 5 anos, com uma taxa de 218 por 100 mil habitantes desse grupo etário. No entanto, podemos observar diferenças significativas no território, com regiões apresentando taxas bem acima da média. O mapa na escala dos grids permite ver essas diferenças.

### MAPA 13 Taxa de internação por doenças infecciosas de veiculação hídrica em crianças de até 5 anos de idade, por grid. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

Nas análises aqui apresentadas, foram utilizados dados do Ministério da Saúde produzidos pelo Datasus. No caso das internações hospitalares, a fonte utilizada foi o Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), que tem como base a Autorização de Internação Hospitalar (AIH). Os dados obtidos dessa forma permitem a localização do endereço de residência de cada um dos internados no âmbito do SUS, possibilitando a produção de indicadores epidemiológicos. Entretanto, essas informações abrangem somente a população que recorre ao sistema público de saúde, excluindo, portanto, a parcela da população que recorre a serviços particulares – geralmente a população melhor inserida socioeconomicamente. Para produzir os indicadores de taxa de internação, utilizou-se a CID-10, Décima Revisão da Classificação Internacional de Doenças, produzida pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Fizeram parte do indicador de doenças infecciosas de veiculação hídrica os agravos com os seguintes códigos: A07, A08, A09, A27 e B15, além de desidratação e desnutrição, conforme o SIH/SUS. No caso da taxa de internação por pneumonia, foram incluídos os diagnósticos J12 a J18, conforme a CID10.



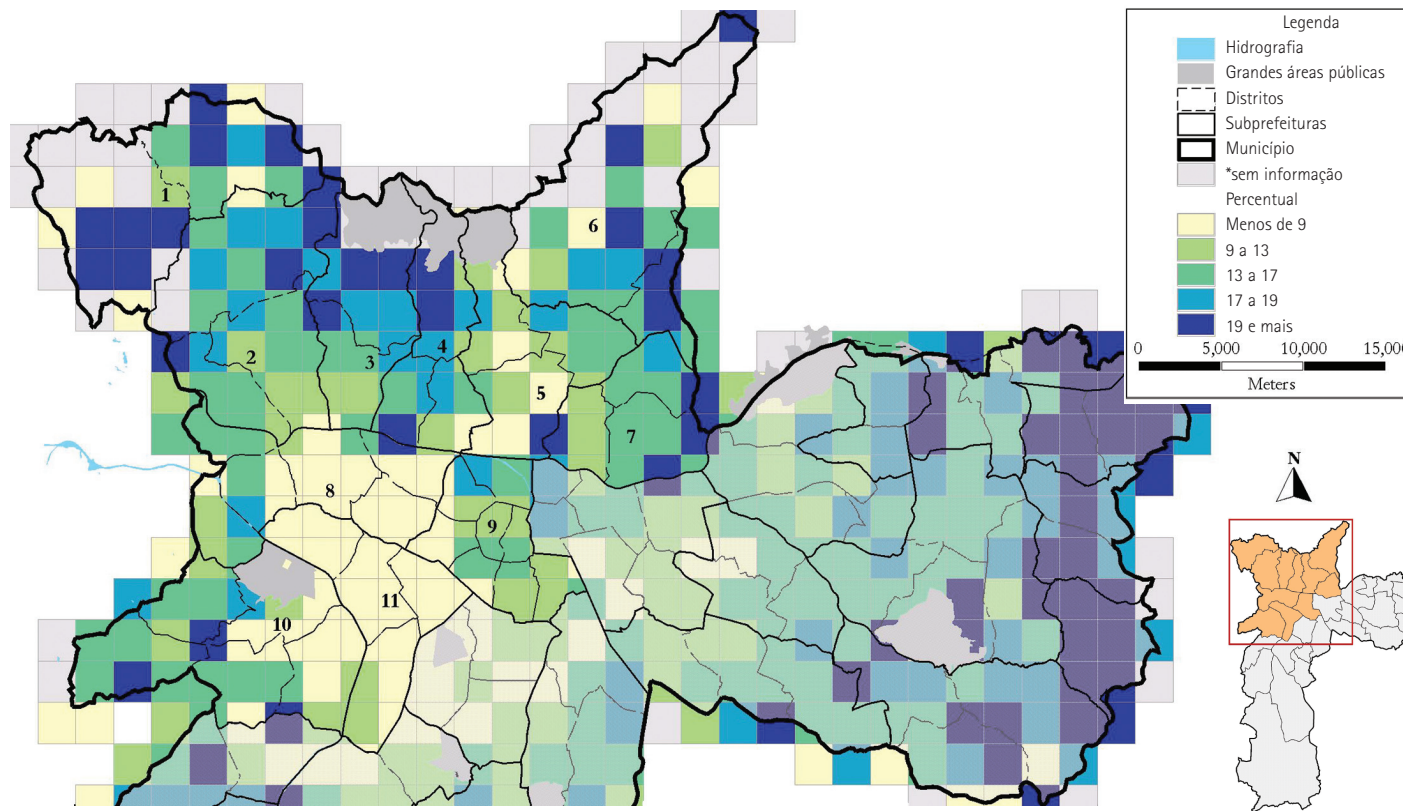
Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Sistema de Informações Hospitalares, SIH/SUS, DATASUS, 2001. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2003.

### 3.c. Indicadores de riscos associados à juventude

Dois dos mais importantes fenômenos envolvendo a juventude no contexto urbano são a violência e a gravidez precoce. Nesta seção, é analisada a incidência espacial desses fenômenos, que colocam a população jovem em condições particulares de vulnerabilidade.

Das 172.374 crianças que nasceram no ano de 2001 em São Paulo, 27.977 eram filhas de mães com menos de 20 anos de idade (16,2 %).

**MAPA 14** Percentual de mães jovens (até 20 anos) no total de mulheres que foram mães em 2001, por grid. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.



Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Registro Civil/Fundação SEADE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole- CEBRAP, 2003

Os dados relativos à gravidez precoce são oriundos do Registro Civil (Declaração de Nascidos Vivos) e referem-se ao ano de 2001. Foram fornecidos pela Fundação Seade e endereçados pelo CEM. Do total de 190.005 registros, puderam ser localizados 172.374 pontos. Esse sub-registro, de aproximadamente 10%, afeta particularmente as áreas periféricas, cujos endereços nem sempre constam das bases de logradouros disponíveis. Apesar disso, considerou-se que esse efeito não prejudicou as análises, uma vez que as maiores concentrações incidiram em áreas periféricas, mesmo com esse problema na localização dos endereços.

*A taxa de homicídio foi produzida a partir de dados disponíveis na base de ocorrências de homicídios dos anos de 1998, 1999 e 2000, originária do Registro Civil. A base cartográfica foi gerada a partir da localização do endereço residencial da vítima e foi produzida pela Fundação SEADE. O número de registros localizados equivale a 8.309, mas é provável que o número de ocorrências seja ainda maior.*

A gravidez precoce, especialmente quando associada a outros elementos (pobreza, baixo nível de instrução e de acesso a serviços), reforça enormemente mecanismos de reprodução de desigualdades. O impacto do nascimento de crianças nesse contexto pode limitar as oportunidades da mãe (que, geralmente, tende a mudar uma série de rotinas em sua vida, o que pode afetar inclusive seus estudos e suas oportunidades de trabalho) e afetar previamente toda a estrutura de oportunidades dos filhos (há várias conseqüências decorrentes da juventude das mães relativamente ao desempenho dos filhos, inclusive sobre seu desenvolvimento físico). Conhecer em que áreas da cidade esse fenômeno é mais expressivo pode ajudar a implementar políticas de atenção voltadas para essas mulheres, desde políticas baseadas na difusão de informações sobre gravidez e sobre redução de riscos (como a importância do pré-natal, da amamentação etc.), até políticas baseadas na implantação de equipamentos públicos de atendimento aos filhos (como creches e outros espaços infantis).

Os dados de homicídios, por sua vez, apresentam uma situação ainda mais dramática, tanto do ponto de vista da gravidade própria do fenômeno, quanto do ponto de vista do impacto que ele pode ter sobre toda a sociabilidade local, construindo cenários marcados pela presença constante de morte violenta.

Em São Paulo, no período de 1998 a 2000, foram registrados **8.309 homicídios** envolvendo pessoas de 15 a 29 anos – fazendo desta a principal causa de morte entre este grupo etário. Optou-se por trabalhar com a população entre 15 e 29 anos de idade de forma a ampliar as análises para além do âmbito da adolescência e assim incluir também os jovens adultos que estão sujeitos a diferentes formas de violência. A escolha dessa faixa etária mais ampliada torna os dados mais consistentes, já que agrega um número maior de casos.

A incidência espacial desses casos apresenta grande concentração em alguns pontos da cidade, alcançando níveis altíssimos em determinadas áreas. Quando se observa a distribuição espacial da taxa de homicídios, a desigualdade social no interior da cidade se evidencia: enquanto nas subprefeituras de Santana e Lapa, a taxa média não passa de 50 mortes por 100 mil habitantes (de 15 a 29 anos), nos setores de alta vulnerabilidade localizados na subprefeitura de Brasilândia, a cada 100 mil pessoas de 15 a 29 anos, mais de 150 são mortos – uma média duas vezes maior.

### Taxa de homicídio entre pessoas de 15 a 29 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário)

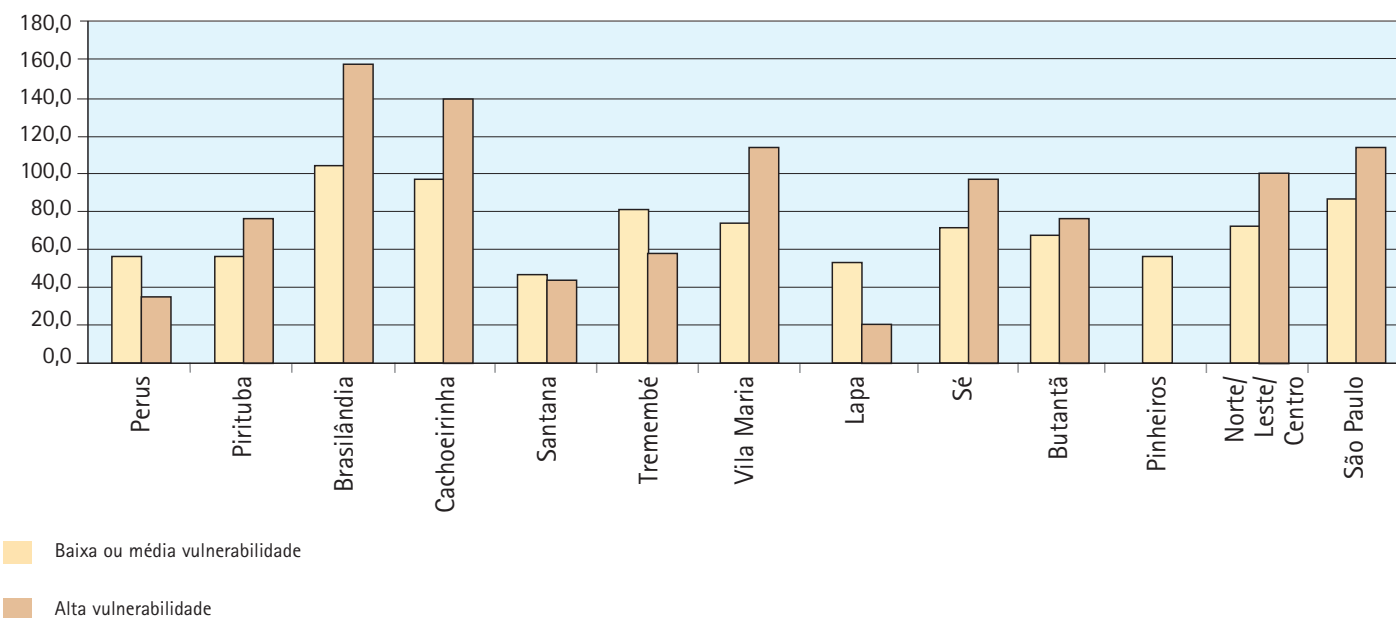
	Baixa e média vulnerabilidade (grupos 1, 2, 3, 4 e 6)	Alta vulnerabilidade (grupos 5, 7 e 8)
Zonas Norte, Oeste e Centro	71,9	100,1
São Paulo	87,2	112,2

*Nas Zonas Norte, Oeste e Centro, foram registrados 2.084 ocorrências de homicídio no período de 1998 e 2000, 25% do total da cidade.*

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE; Registro Civil/Fundação SEADE. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole- CEBRAP, 2003.

O *Gráfico 2*, abaixo, apresenta a incidência de homicídio para cada uma das subprefeituras que compõem as Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo, de acordo com o grau de vulnerabilidade dos grupos. Destaca-se, em primeiro lugar, a diferença de intensidade da taxa entre as subprefeituras: em Perus, Santana, Lapa e Pinheiros verificam-se níveis significativamente mais baixos de homicídio do que os observados nas demais. Nesses lugares, verifica-se também uma maior incidência de homicídios entre setores de média e baixa vulnerabilidade – o que possivelmente está relacionado com a pequena presença proporcional de setores de alta vulnerabilidade nessas subprefeituras (com exceção de Perus).

**Gráfico 2**  
Taxa de homicídio entre pessoas de 15 a 29 anos de idade (por 100 mil habitantes deste grupo etário), por subprefeituras, segundo o grau de vulnerabilidade social dos grupos. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

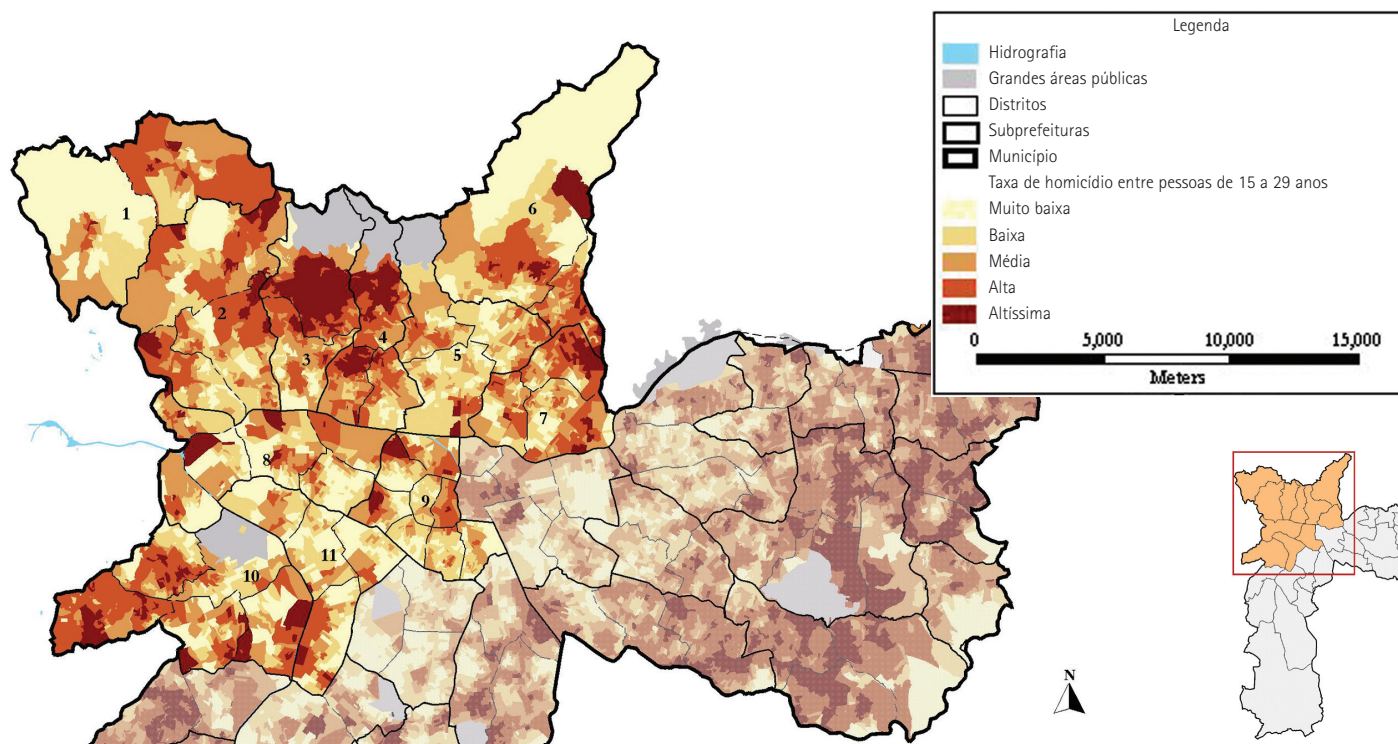


Fonte: Registro Civil/Fundação Seade, 2001. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole/CEBRAP, 2003.

Por outro lado, Brasilândia, Cachoeirinha, Vila Maria e Sé apresentaram níveis elevados desse tipo de fenômeno, com uma incidência significativamente maior entre os grupos de alta vulnerabilidade (como também acontece com os dados agregados por município e no conjunto das Zonas Norte, Oeste e Centro). Em outras palavras, morar nessas subprefeituras pode representar uma forte exposição a risco de morte violenta para os grupos jovens, principalmente nos setores que se caracterizam por intensa privação socioeconômica e elevada presença de crianças pequenas. Como vimos anteriormente, a presença de gravidez precoce é também expressiva nessas áreas, acentuando a necessidade de atenção especial por parte do poder público. O *Mapa 15* destaca as áreas de maior intensidade de risco de homicídio, apresentando a taxa do modo mais desagregado possível.

### Mapa 15 Taxa de homicídio entre pessoas de 15 a 29 anos de idade (por 100 mil habitantes deste grupo etário), por setor censitário\*. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

*Há uma significativa diversidade de situações envolvendo condições socioeconômicas e riscos juvenis: nem sempre essas duas dimensões estão sobrepostas. Quando se observa a distribuição dessas ocorrências no Mapa 15, vemos que elas incidem fortemente em áreas que apresentaram acúmulos de vulnerabilidade e intensa ocupação demográfica (como a Brasilândia), mas incidem também, com grande intensidade, em toda a porção oeste da capital – Vila Sônia, Rio Pequeno, Raposo Tavares, como também no centro histórico –, sugerindo que esses distritos, apesar de não serem vulneráveis do ponto de vista socioeconômico, são bastante frágeis no que se refere aos riscos associados à juventude. A desagregação dessas taxas segundo os distritos pode ser conferida na Tabela 10 do Anexo 2.*



\*Utilização de médias móveis espaciais.

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE. Registro Civil- Fundação SEADE, 1998-2000. Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2003

### 3.d. Acesso a equipamentos

A distribuição dos equipamentos e serviços públicos na periferia é bastante heterogênea. Ao contrário do que comumente se considera, há inúmeros equipamentos públicos em muitos bairros periféricos, até mesmo nos mais distantes. Isso não significa, entretanto, que em todos os bairros a oferta se dê do mesmo modo, nem mesmo que não exista diferença relativamente ao tipo de equipamento existente. Escolas e Unidades Básicas de Saúde, por exemplo, estão muito melhor distribuídas ao longo do território do que creches, hospitais ou espaços de lazer. No caso dos equipamentos de assistência social, é possível verificar localizações específicas de acordo com o tipo de atendimento realizado – se abrigos ou Espaços Gente Jovem (EGJ), profissionalizantes ou voltados para idosos –, mas, no conjunto, eles alcançam áreas bem afastadas, inclusive de alta vulnerabilidade.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que a demanda pelos diversos tipos de equipamento não se distribui de forma homogênea no território. As necessidades locais são diferenciadas – estando fortemente marcadas pelo perfil etário da população, e por suas características socioeconômicas –, como foi enfatizado na seção 2 deste volume.

Nas zonas Norte, Oeste e Centro localizam-se 663 escolas públicas, 260 UBS, 43 hospitais e 214 equipamentos de assistência social. Equipamentos públicos de cultura, esportes e lazer chegam a 353. Os dados relativos a esses equipamentos referem-se aos anos de 2001 e 2002, e a maior parte dos cadastros utilizados para a produção das bases cartográficas foi fornecida pelas Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Assistência Social. No caso dos equipamentos de **cultura** e esportes, diversas fontes foram utilizadas – a partir de coleta realizada no âmbito do Centro de Estudos da Metrópole. Em todos os casos, entretanto, a qualidade do endereçamento depende da qualidade do cadastro utilizado, bem como da consistência da base oficial de ruas do município. Dessa forma, possíveis imprecisões de endereçamento devem ser consideradas na análise.

Em linhas gerais, pode-se dizer que os equipamentos de assistência social e as escolas são os mais bem distribuídos, alcançando até mesmo os núcleos urbanos de Perus, Anhanguera e Tremembé, nos limites do município. O mesmo não pode ser dito dos equipamentos de cultura e esportes, ou mesmo dos equipamentos mais complexos de saúde, distribuídos em áreas urbanas mais consolidadas.

A distribuição de todos esses equipamentos pode ser vista nos mapas das subprefeituras e nas tabelas por distrito, respectivamente nos Anexos 2 e 3.

*São apresentados apenas os equipamentos públicos de cultura – ou aqueles onde é possível realizar atividades gratuitas. Nas cartografias, foram considerados “Equipamentos culturais de uso local” as casas e oficinas de cultura, as bibliotecas públicas e as escolas de samba, ao passo que centros culturais e SESC foram considerados como “Equipamentos culturais de uso regional”. Cinemas, teatros e museus foram excluídos da base.*



## 4. Considerações finais

Ao longo deste volume, procurou-se mapear as principais características das famílias que residem nas Zonas Norte, Oeste e Centro do Município de São Paulo, em sua dimensão de vulnerabilidade social. Após ter sido feita a caracterização socioeconômica e demográfica dos grupos de setores – que resultou na detecção de oito grupos de vulnerabilidade –, foram apresentados outros indicadores, capazes de captar aspectos relativos a certos tipos de riscos sociais – especialmente do ponto de vista da incidência de agravos de saúde pública, provisão de serviços de infra-estrutura urbana e domiciliar, bem como de situações que acentuam a condição de vulnerabilidade entre crianças e grupos etários jovens (como gravidez na adolescência e homicídio). Além disso, foi destacada a distribuição dos equipamentos públicos no espaço urbano, já que esses equipamentos podem contribuir para amenizar as situações de vulnerabilidade social atualmente existentes.

Procurou-se, nesse sentido, destacar que há uma grande **heterogeneidade** de situações de vulnerabilidade envolvendo os grupos sociais e o espaço urbano – mesmo entre áreas de extrema pobreza. Se, por um lado, é verdade que existem áreas que apresentam enormes acúmulos de vulnerabilidade e riscos sociais, é também verdade que nem sempre eles se sobrepõem: em muitos lugares, há presença de um determinado tipo de “risco” – e não necessariamente de outro.

*O Quadro 2 assinala essas diferenças. Nele, são apresentados os distritos que mais se destacaram negativamente nos principais indicadores abordados por este estudo. Além da situação de vulnerabilidade das famílias (representada no quadro pelo primeiro indicador), foram acrescentados outros indicadores que potencialmente agravam essa situação. Mesmo em termos agregados, é possível observar combinações diferentes entre os distritos no que se refere a esse conjunto de fenômenos.*

**QUADRO 2** Distritos que apresentaram as piores situações de vulnerabilidade, segundo diferentes indicadores. Zonas Norte, Oeste e Centro, Município de São Paulo.

Ordem	Vulnerabilidade social (1)	Condições de habitação		Agravos de saúde envolvendo crianças		Riscos associados à juventude	
		(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
1	Brasilândia	Anhanguera	Brasilândia	Sé	Sé	Anhanguera	Morumbi
2	Cachoeirinha	Perus	Jaraguá	Cachoeirinha	Jaraguá	Brasilândia	Brasilândia
3	Raposo Tavares	Jaguapé	Pirituba	Barra Funda	Rio Pequeno	Cachoeirinha	Sé
4	Tremembé	Tremembé	Cachoeirinha	Brasilândia	Jaçanã	Jaçanã	Cachoeirinha
5	Jaguapé	São Domingos	Tremembé	Jaçanã	Brasilândia	Vila Maria	Raposo Tavares
6	Jaraguá	Cachoeirinha	Raposo Tavares	Rio Pequeno	Morumbi	Jaraguá	Vila Medeiros
7	Perus	Jaraguá	Rio Pequeno	Tremembé	Cachoeirinha	Tremembé	Limão
8	Jaçanã	Brasilândia	Jaçanã	Morumbi	Tremembé	Bom Retiro	Bom Retiro
9	Anhanguera	Rio Pequeno	São Domingos	Butantã	Butantã	Perus	Jaçanã
10	Vila Maria	Jaguara	Vila Sônia	Vila Maria	Bom Retiro	Vila Medeiros	Rio Pequeno

(1) % de pessoas que residem em setores de alta vulnerabilidade social (grupos 5,7 e 8) (2) % de domicílios sem esgoto (3) Número absoluto de favelas (4) Taxa de internação por pneumonia em crianças de 0 a 5 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário) (5) Taxa de internação por doenças infecciosas de veiculação hídrica em crianças de 0 a 5 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário) (6) % de mães de 10 a 19 anos no total de mães (2001) (7) Taxa de homicídio entre pessoas de 15 a 29 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário)

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE; PMSP/CEM-CEBRAP, 2003; SIH-SUS, 2001; Registro Civil, 1998 a 2000 e 2001.

Do ponto de vista da formulação de políticas públicas, essas diferenças têm conseqüências importantes, pois indicam que, dependendo do lugar para o qual se olha, as demandas por políticas podem ser significativamente diferentes. Esse elemento se acentua ainda mais quando consideramos que os próprios grupos sociais têm características socioeconômicas e etárias específicas – como foi evidenciado no mapa dos oito grupos de vulnerabilidade social.

### PRINCIPAIS DESTAQUES

**Elevada presença de pessoas morando em setores de alta vulnerabilidade e em praticamente todos os outros indicadores**

*Brasilândia e Cachoeirinha, seguidos por Jaçanã e Tremembé*

**Elevada presença de pessoas morando em setores de alta vulnerabilidade e em apenas 2 ou 3 outros indicadores**

*Jaraguá (% de domicílios sem esgoto, número de favelas e doenças infecciosas de veiculação hídrica)*

*Anhanguera e Perus (% de domicílios sem esgoto e % de mães jovens)*

*Raposo Tavares (número de favelas e taxa de homicídio jovem)*

**Distritos que não se destacaram pela presença elevada de pessoas morando em setores de alta vulnerabilidade, mas apareceram em outros indicadores**

*% de domicílios sem esgoto: Jaguaré, São Domingos, Rio Pequeno e Jaguará*

*Número de favelas: Pirituba, Rio Pequeno, São Domingos e Vila Sônia*

*Taxa de internação por pneumonia (0 a 5 anos): Sé, Barra Funda, Rio Pequeno, Morumbi, Butantã e Vila Maria*

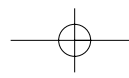
*Taxa de internação por doenças infecciosas de veiculação hídrica: Sé, Rio Pequeno, Morumbi, Bom Retiro e Barra Funda*

*% de mães jovens: Vila Maria, Bom Retiro e Vila Medeiros*

*Taxa de homicídio jovem: Sé, Morumbi, Bom Retiro, Limão, Vila Medeiros e Jaguaré*

A possibilidade de diferenciação dessas áreas com características tão diversas – em termos demográficos, de agravos à saúde, de condições de acesso a equipamentos e de riscos variados – reforça a idéia de que a compreensão de uma cidade complexa como São Paulo requer instrumentos variados e não se resume em um único modelo explicativo. A realidade é mais complexa e heterogênea – as áreas genericamente denominadas "periferias" não são iguais, pois possuem características específicas e são diferentemente afetadas por certos fenômenos.

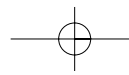
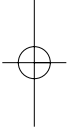
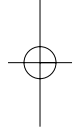
Este estudo procurou dar alguns contornos a esse cenário – tendo sempre como referência o compromisso da Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo de conferir ao território um papel central na formulação e implementação de políticas públicas.



MAPA DA VULNERABILIDADE SOCIAL DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

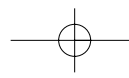
## Anexo 1

### Fontes utilizadas



INDICADORES	FONTES
<b>Grupos de Vulnerabilidade Social</b>	<b>Censo Demográfico 2000, IBGE</b>
<b>Indicadores associados às condições de habitação</b>	
Percentual de domicílios sem esgoto no total de domicílios do setor censitário	Censo Demográfico 2000, IBGE
Número absoluto de favelas por distrito	Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, SEHAB/PMSP e CEM-CEBRAP, 2003
<b>Indicadores de vulnerabilidade envolvendo crianças pequenas</b>	
% de crianças de 5 a 9 anos não-alfabetizadas	Censo Demográfico 2000, IBGE
Internações por pneumonia em crianças de 0 a 5 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário)	SIH/SUS, Datasus, Ministério da Saúde, 2001; Censo Demográfico 2000, IBGE
Internações por doenças infecciosas de veiculação hídrica em crianças de 0 a 5 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário)	SIH/SUS, Datasus, Ministério da Saúde, 2001; Censo Demográfico 2000, IBGE
<b>Indicadores de riscos associados à juventude</b>	
Percentual de mães jovens (de 10 a 19 anos de idade) no total de mulheres que foram mães em 2001	Registro Civil (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos/Sinasc), 2001 (dados fornecidos pela Fundação SEADE); Censo Demográfico 2000, IBGE
Percentual de mães jovens (de 10 a 19 anos) com até sete anos de estudo, no total de mães jovens	Registro Civil (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos/Sinasc), 2001 (dados fornecidos pela Fundação SEADE); Censo Demográfico 2000, IBGE
Taxa de homicídio entre pessoas de 15 a 29 anos (por 100 mil habitantes deste grupo etário)	Registro Civil, 2001 (dados fornecidos pela Fundação SEADE), Censo Demográfico 2000, IBGE
<b>EQUIPAMENTOS SOCIAIS</b>	
<b>Educação</b>	
Escolas públicas	Censo Escolar de 2001, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP/MEC)
Creches diretas e indiretas	Censo Escolar de 2001, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP/MEC) e Secretaria de Assistência Social 2002
<b>Saúde</b>	
Hospitais públicos e conveniados	Sistema de Informações Hospitalares, SIH/SUS. Datasus, 2001
Ambulatórios de saúde	Cadastro das Unidades Prestadoras de Serviços Ambulatoriais - Sistema de Informação Ambulatorial. SIA/SUS, 2001
<b>Assistência Social</b>	
Equipamentos de assistência social	Banco de Equipamentos Sociais, Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, 2002
<b>Cultura, Esportes e Lazer</b>	
Equipamentos culturais de uso local (casas e oficinas de cultura, bibliotecas públicas, escolas de samba)	Guia Cultural do Estado de São Paulo - Secretaria do Estado da Cultura e Fundação SEADE de 2001; Secretaria Municipal de Cultura, 2002
Equipamentos culturais de uso regional (centros culturais, SESCOs)	Guia Cultural do Estado de São Paulo - Secretaria do Estado da Cultura e Fundação SEADE de 2001; Secretaria Municipal de Cultura, 2002
Clubes esportivos (CDMs e clubes municipais)	Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, 2001

Elaboração CEPID-FAPESP/Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP, 2002 e 2003.



MAPA DA VULNERABILIDADE SOCIAL DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

## Anexo 2

### Tabelas por distrito

